

A DITONGAÇÃO VARIÁVEL EM SÍLABAS TÔNICAS FINAIS TRAVADAS PELO ARQUIFONEMA SIBILANTE /S/ EM SEABRA (BA)

THE VARIABLE DIPHTHONGIZATION IN FINAL
STRESSED SYLLABLES CLOSED BY THE SIBILANT
ARCHIPHONEME /S/ IN SEABRA (BA)

Elias de Souza Santos



Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

Adriana de Souza Oliveira



Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

RESUMO

Neste estudo objetivamos analisar a regra variável de formação de ditongos em sílabas tônicas finais travadas por /S/ no falar de Seabra (BA), verificando seu encaixamento linguístico e social à luz da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]). Após coletados de oitiva, os dados foram tabulados e submetidos a modelos de regressão logística com efeitos fixos e mistos, com o auxílio da linguagem de programação denominada R (R CORE TEAM, 2020). Os resultados obtidos com as análises multivariadas, conforme estimativas com valor-p significativo, sugerem que a ditongação na comunidade de fala investigada é desfavorecida pelos falantes com escolaridade média e universitária e pela classe morfológica verbos, no modelo de efeitos fixos, mantendo a mesma correlação no modelo de efeitos mistos, com exceção da classe morfológica verbos.

PALAVRAS-CHAVE

Ditongação. Variação. Encaixamento linguístico. Encaixamento social.

ABSTRACT

In this study we aim to analyze the variable rule of diphthong formation in final stressed syllables closed by /S/ in the speech



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/).

DATAS:

- Recebido: 17/05/2023
- Aprovado: 19/06/2023
- Publicado: 18/12/2023

COMO CITAR:

DE SOUZA SANTOS, .; DE SOUZA OLIVEIRA, . A Ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas travadas pelo arquifonema sibilante /S/ em Seabra (BA).

Enlaces, Salvador, v. 4, 2023.

Disponível em:

<https://publicacoes.ifba.edu.br/enlaces/article/view/1051>. Acesso em: 18 dez. 2023.

of Seabra (BA), verifying its linguistic and social embedding in light of Variationist Sociolinguistics (LABOV, 2008 [1972]). After data collection by listening, the data were tabulated and submitted to logistic regression models with fixed- and mixed-effects, with the aid of the R programming language (R CORE TEAM, 2020). The results obtained with the multivariate analyses, according to estimates with a significant p-value, suggest that diphthongization in the investigated speech community is disadvantaged by speakers with high school and university education and by the morphological class of verbs, in the fixed-effects model, maintaining the same correlation in the mixed-effects model, except for the morphological class of verbs.

KEYWORD

Diphthongization. Variation. Linguistic embedding. Social embedding.

1 INTRODUÇÃO

A ditongação em sílabas travadas por /S/ foi e tem sido objeto de investigação de estudiosos como Camara Jr. (1953), Mello (1994), Leiria (2000), Aquino (2004), Tasca (2005), Haupt (2006), Silva (2014), Battisti e Gutterres (2021), *inter alia*, em diferentes variedades do Português Brasileiro (Daqui em diante, PB). Todavia, com o considerável número de estudos já realizados, ainda desconhecemos como o processo se efetiva em algumas regiões do Brasil, pouco ou nunca investigado.

Com efeito, o estudo proposto se justifica pelas lacunas ainda encontradas quanto às pesquisas que têm examinado o comportamento da ditongação em regiões interioranas do país, aqui, do estado da Bahia. Assim, objetivamos analisar a regra variável de formação de ditongo em sílabas tônicas finais travadas por /S/, na comunidade de fala denominada Seabra, devidamente apresentada na seção metodológica, sob a égide da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008 [1972]), motivados pelas hipóteses de que:

- i. A ditongação, diferente de muitas regiões do país, não se encontraria mais em estágio de insipiência, a julgar pelos resultados de pesquisas já efetivadas com outras variedades do PB faladas em diferentes municípios do estado da Bahia;
- ii. A vogal /a/ exerceria maior influência que outras na formação da regra, por ela se caracterizar como uma vogal forte;
- iii. Morfemas sufixais favoreceriam mais o processo de ditongação que morfemas não-sufixais;
- iv. Os falantes mais jovens tenderiam a ditongar mais que falantes mais velhos;
- v. Os falantes mais escolarizados ditongariam menos que falantes com menos escolaridade.

Após termos coletado, tabulado e analisado os dados obtidos com a amostra contemporânea e representativa do português falado na comunidade de fala seabrense, verificamos que a ditongação se correlaciona à escolaridade. Ela é desfavorecida quando o falante apresenta escolaridade média e universitária, diferente das demais variáveis testadas, pois não se correlacionaram com a aplicação da regra, sugerindo, com a análise de regressão logística com efeitos mistos, sofrer efeitos de variáveis aleatórias como o item lexical e o informante, inclusas no modelo proposto.

As discussões acerca desses resultados são mais alargadas ao longo do texto, cuja organização foi estruturada da seguinte maneira: na seção 2, apresentamos um sumário sobre o fenômeno da ditongação; na seção três, exibimos os procedimentos metodológicos utilizados na coleta, tabulação e análises dos dados; na seção 4, expomos os resultados obtidos com as análises quantitativas, descrevendo e interpretando-os; e, por fim, traçamos algumas considerações a que chegamos com a investigação proposta.

2 PRELIMINARES: APRESENTANDO O FENÔMENO DA DITONGAÇÃO

A priori, antes de apresentarmos a ditongação, decidimos, sumariamente, tematizar à questão do ditongo no português. Apesar de haver várias propostas de definição tanto fonética quanto fonológica para ditongo, conformamos com aquela sugerida por Xavier e Mateus (1992, p. 132), para quem o ditongo é tido como “sequência vocálica no interior de uma única sílaba, formada por uma vogal e uma semivogal, ou por uma semivogal e uma vogal, em que a vogal constitui o núcleo de sílaba”.

Desde uma perspectiva fonética, Mounin (1974, p. 109) define o ditongo como “vogal cujo timbre se modifica durante a emissão pela mudança de posição gradual dos órgãos articulatórios”. À face disso, a língua portuguesa apresenta,

nos dias que correm, conforme Aragão (2012), cerca de 36 ditongos, 15 deles decrescentes, caracterizados por apresentarem uma vogal como primeiro elemento e uma semivogal como segundo elemento, e 21 crescentes, cujo primeiro elemento é uma semivogal e o segundo elemento uma vogal, como exemplificado em (1a-b,) e 2 (2a-b).

(1) Decrescentes

a. Orais: /aj, εj, ɔj, uj, aw, εw, ew, iw/

b. Nasais: /[ãj, êj, õj, ãj, õj, ãw/

(2) Crescentes

a. Orais: /ja, jε, je, ji, jɔ, jo, ju, wa, wε, we, wi, wɔ, wo, wu/

b. Nasais: /jã, jê, jõ, wã, wê, wĩ, wõ/

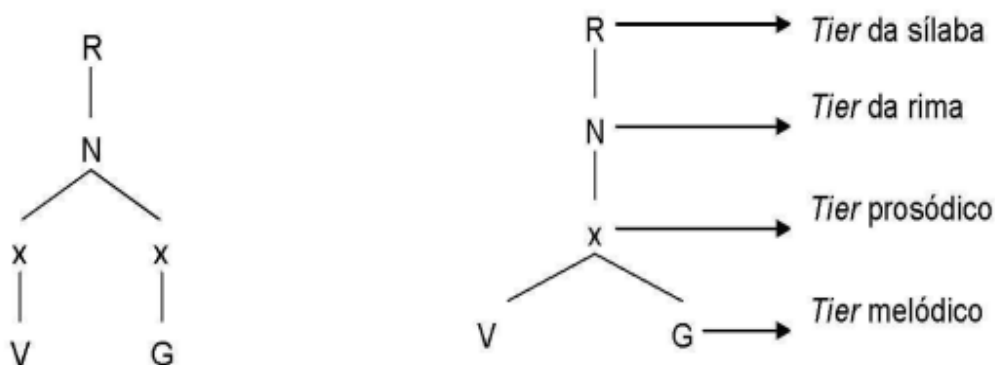
Essa distribuição de ditongos, em decrescentes e crescentes, segundo Aragão (2012), tem despontado muitas discussões, perspectivando, até mesmo, pontos de vista divergentes, visto que estudiosos, como Câmara Jr. (1979), defendem o fato de que na língua portuguesa não existem ditongos crescentes, mas, não mais que decrescentes. Com efeito, Bisol (1989), ao coadunar com tal ideia, justifica sua defesa argumentando que o glide¹, na sequência CV, em geral, varia livremente com a vogal homorgânica, sendo sempre, em razão disso, o ditongo crescente resultado de ressilabificação pós-lexical.

Ainda sobre os ditongos, Bisol (1989, 1994), à luz dos pressupostos teórico-metodológicos da teoria da sílaba (SELKIRK, 1982; CLEMENTS; KEYSER, 1983, HUSLST, 1984) na concepção da Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976), defende a hipótese de que a língua portuguesa apresenta duas classes de ditongos decrescentes, caracterizados pelo espaço que tomam no nível da rima:

1 Trata-se de uma vogal assilábica que obrigatoriamente co-ocorre com uma vogal que é silábica.

os ditongos pesados (ou verdadeiros ditongos), os quais ocupam duas posições no *tier* da rima, constituindo uma sílaba complexa e tendem a ser preservados, e os leves (ou falsos ditongos), os quais ocupam uma só posição no *tier* da rima, oriundos do *tier* melódico por um processo de assimilação e tendem a ser perdidos, como observado em (3a)².

Figura 1: Estrutura silábica ditongos crescentes e decrescentes

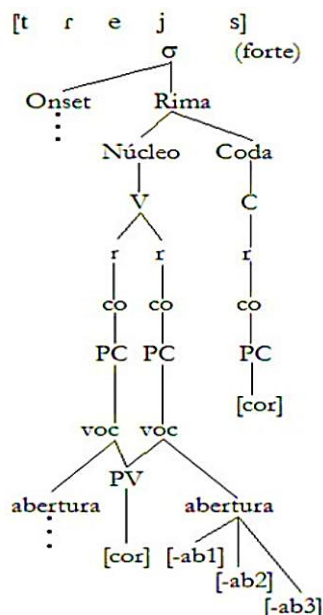


Fonte: Haupt, 2006, p.2.

Ao observarmos a representação fonológica à esquerda da figura, relacionada ao ditongo pesado, e aquela à direita da figura, referente ao ditongo leve, Bisol (1989) diz do falso ditongo ser criado no *tier* melódico por processos assimilatórios, isto é, “[...] não existem duas vogais na forma subjacente (no *tier* prosódico), de modo que há apenas uma posição na linha da rima, assim como em um monotongo” (HAUPT, 2006, p. 2, grifo da autora). Tal postulado explica o processo de ditongação, que ocorre em ditongos decrescentes, notadamente, em sílabas travadas por /S/, um fenômeno “[...] fonético-fonológico variável que dá origem à semivogal ou glide palatal [j] por assimilação” (BATTISTI; GUTTERRES, 2021, p. 64), objeto de investigação do estudo aqui empreendido e representado pelo ditongo derivado (um falso ditongo) na palavra *três*, na Figura 2.

2 Estas representações fonológicas demonstram a organização hierárquica de uma estrutura silábica em diferentes tiers (camadas), definidos em termos das articulações do trato vocal entre os nódulos labial, coronal e dorsal.

Figura 2 – Ditongo derivado em sílaba travada por /S/



Fonte: Battisti (2013, p. 66, adaptado de Bisol, 1994, p. 137)

A figura 2 formaliza, através de representação fonológica, a hipótese de Bisol (1994) de que o arquifonema /S/ possui um nó vocálico, que “espraiado à vogal precedente [...] cria a semivogal e é desligado de /S/”, cuja hipótese faz “[...] jus à intuição de que o surgimento da semivogal tenha motivação articulatória. No entanto, não explica o caráter variável do processo” (BATTISTI; GUTTERRES, 2021, p. 63).

A ditongação pode ser decorrente de um desenvolvimento diacrônico, a exemplo de *lacte* para *leite*, na passagem do latim ao português, ou de alternância sincrônica, cuja semivogal pode ser introduzida por acréscimo, ou ser o resultado da transformação de uma vogal silábica em semivogal, que, como regra variável, pode ser condicionado por diferentes fatores linguísticos e/ou sociais, dos quais destacamos, neste estudo, a vogal de base, o número de sílabas, o sexo, a faixa etária e a escolaridade, apropriadamente apresentados na seção seguinte.

3 METODOLOGIA

Nesta seção apresentamos uma breve caracterização sócio-histórica da comunidade de fala investigada, seguida dos procedimentos teórico-metodológicos utilizados na coleta dos dados, tabulação e análises estatísticas, tendo em conta fatores que podem condicionar o fenômeno da ditongação em contextos silábicos travados por /S/.

Os dados examinados neste estudo são representativos do português falado em Seabra, município brasileiro do estado da Bahia, que tem sua origem nas margens do Rio Cochó e da estrada que ligava os povoados de Jacobina e Rio de Contas. A abertura desta estrada foi motivada por Portugal, a fim de escoar o ouro extraído em ambos os núcleos. Esta, ao cortar as terras, hoje, pertencentes ao município de Seabra, naquele período, desertas, “[...] atraiu os seus primeiros povoadores constituídos na maior parte de portugueses que, depois de desiludidos com as exigências reais vinculadas à mineração, aí se fixaram, organizando fazendas de criatórios e de lavouras” (ROLO, 2010, p. 96).

Os núcleos de povoações, conforme Rolo (2010), surgiram em torno do terceiro quartel dos anos seiscentos, mais precisamente em 1665. Uma desses povoados foi Cochó do Pega, primeiro topônimo endereçado ao atual município de Seabra, que se distanciava a 12 Km da sede administrativa denominada Vila Campestre. A nucleação de Cochó, inicialmente, é o resultado da construção de casas de palha e taipa por aventureiros que ali fixaram moradia, sendo estes tropeiros, aventureiros e garimpeiros, vindos das vilas Jacobina e Rio de Contas, motivados pelas notícias sobre a existência de ouro e de diamantes.

A sede vila Campestre, administrada pelo Coronel Manoel Fabrício de Oliveira, foi transferida para Cochó do Pega, pelo então governador José Joaquim Seabra, como condição de conter as desavenças entre os coronéis Manoel Fabrício de Oliveira, anteriormente citado, e Horário de Matos, elevando-se, em 1915, à categoria de cidade, com a publicação da Lei Estadual nº. 1.126-A, com o

nome de Doutor Seabra, topônimo simplificado a Seabra, no ano de 1931, por intermédio dos decretos estaduais nº. 7455 e 7.479 de julho do mesmo ano.

No tempo de agora, Seabra, comumente considerada a capital da Chapada Diamantina, é uma das regiões referência do território. Abriga uma população estimada de 43.370 pessoas, distribuídas em uma área de 2.402,170 Km², clima subtropical, semiárido a seco, latitude (-1241876°), longitude (-4176820°), altitude de 800m e distante da capital do estado da Bahia por volta de 456km (IBGE, 2021). É compreendida, para além da sede, de dois distritos, Jatobá (Baraúnas) e Várzea do Caldas, e 115 adjacências rurais.

O município é bastante conhecido no contexto regional por sua variedade de serviços, por suas atividades econômicas e por fixar alguns órgãos estaduais e federais. Para mais, também se tornou centro educacional com a propagação de diversas faculdades, de um campus do Instituto Federal da Bahia e outro da Universidade do Estado da Bahia, que recebem, diariamente, estudantes de diferentes regiões da Chapada Diamantina, além de contar com pólos de saúde, como o Hospital Regional, uma maternidade e diversas (poli)clínicas particulares.

Partindo desse breve relato, essa pesquisa assume o quadro teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 2008, [1972]), “cujo axioma assumido é o de que a língua é um sistema heterogêneo ordenado, isto é, ao passo que ela possui uma estrutura é, também, dotada de variabilidade, um sistema que carrega consigo regras, tanto categóricas quanto variáveis” (SANTOS; SILVA, 2022, p. 231). Assim sendo, condicionadas por fatores linguísticos, culturais e sociais, analisamos uma amostra composta por 12 entrevistas sociolinguísticas do tipo DID, interação entre documentador e informante, cujos falantes foram estratificados conforme o gênero (feminino e masculino), faixa etária (18-35 e 43+ anos) e escolaridade (fundamental, média e universitária).

A amostra, pertencente ao banco de dados do Projeto *Se abra à Chapada: coletando, explorando e mapeando dados sociolinguísticos*³, cujo objetivo é constituir um corpus vernacular representativo do português falado na Chapada Diamantina capaz de oferecer uma fotografia sociolinguística desse território, foi tabulada, em planilha de excel (csv), de acordo com variáveis previsoras linguísticas e sociais estudadas por Tasca (2005), Haupt (2006), Silva (2014), Battisti e Gutterres (2021), entre outros, em corpus e corpora representativos de diferentes variedades do PB. Assim sendo, a seguir, explicitamos e descrevemos cada uma das variáveis investigadas.

(I). Variáveis linguísticas

- Vogal de base – essa variável controla o tipo de vogal da sílaba travada por sibilante.
Vogal baixa: (atrás; rapaz)
Vogal anterior: (mês; fez)
Vogal posterior: (luz; nós)
- Classe morfológica – essa variável controla a classe de palavras que oferece contexto para a ditongação.
Verbo: (faz; traz)
Não-verbo: (dez; mas)
- Número de sílabas – essa variável controla o número de sílabas que contém a palavra suscetível à ditongação.
Monossílabo: (dez; vez)

3 Projeto criado e coordenado pelo professor doutor Elias de Souza Santos, no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Seabra, Campus XXIII (CAAE: 98916718.9.0000.0057).

Dissílabo (talvez; capaz)

Trissílabo (Português; através)

- Status morfológico – essa variável controla o tipo de morfema que proporciona contexto para a ditongação.

Raiz: (mas; vez)

Sufixo: (gravidez; português)

(II). Variáveis sociais

- Sexo – essa variável controla o modo como homens e mulheres se comportam quanto ao uso da ditongação.

Feminino

Masculino

- Faixa etária – essa variável controla a maneira como falantes mais jovens e mais velhos se comportam quanto ao uso da ditongação.

Faixa etária um: (18-35 anos)

Faixa etária dois: (43+ anos)

- Escolaridade – essa variável controla a maneira como falantes com escolaridade fundamental, média e universitária se relaciona com o uso da ditongação.

Fundamental

Média

Universitária

Quanto à delimitação dos dados, consideramos na amostra apenas contextos silábicos tônicos finais travados por /S/, em que a ditongação poderia ocorrer. Para mais, vale sublinhar que em relação à variável vogal de base, a maior parte dos contextos da categoria *central* ocorrem, em maior frequência, na palavra *mas*, assim como Tasca (2005), Battisti e Gutterres (2021) já haviam constatado nos estudos por eles efetivados em variedades do português falado no sul do Brasil.

Após tabulados os dados, efetuamos análises de regressão logística – técnica estatística que tem como propósito produzir, através de um conjunto de observações, um modelo que licencie a predição de valores tomados por uma variável categórica, comumente binária, a partir de uma série de variáveis preditivas contínuas e/ou binárias - por meio de modelos lineares generalizados de efeitos mistos e fixos, obtidos com a plataforma R (R CORE TEAM, 2020), uma “[...] linguagem de programação livre que provém um ambiente computacional voltado para computação estatística, gráfica e análises de dados em geral” (CATANI, 2021, p. 28), usando a função *glmer* do pacote *lme4*, cujos resultados obtidos são exibidos e comentados na próxima seção.

4 RESULTADOS

Apresentamos, nesta seção, os resultados das análises estatísticas multivariadas através de modelos de regressão logística com efeitos fixos e mistos⁴, na amostra de estudo, contemporânea e representativa do falar seabrense. Realizamos as análises tendo em conta as variáveis linguísticas e

4 “A análise de efeitos fixos efetua-se apenas com variáveis previsoras cujos níveis (fatores) são controlados pelo pesquisador. Já a análise de efeitos mistos, além de variáveis previsoras fixas, inclui variáveis previsoras aleatórias, isto é, cujos níveis não são controlados pelo pesquisador, como item lexical, por exemplo” (BATTISTI; GUTTERRES, 2021, p. 83).

sociais, assinaladas anteriormente na seção metodológica, cujos *summary* dos modelos são apresentados e comentados no final da subseção 4.1, a seguir.

4.1 ANÁLISES MULTIVARIADAS

Depreendemos da amostra analisada 470 contextos caracterizados por sílabas tônicas finais travados por /S/ em que a ditongação pode ocorrer, distribuídos em duas variantes presentes na comunidade de fala seabrense, conforme mostra a Tabela 1.

Tabela 1 - Distribuição das variantes na comunidade de fala seabrense

VARIANTES	PRESENÇA DA DITONGAÇÃO	AUSÊNCIA DA DITONGAÇÃO	TOTAL
Nº. Ocorrências	260	210	470
%	55	45	100

Fonte: Elaborada pelos autores

Observamos, com a Tabela 1, que a ditongação é a variante de uso mais difundida no falar de Seabra (55%), seguida da variante dita padrão, com 45%. A análise desses resultados se mostra mais interessante quando comparada com aqueles encontrados por Silva (2014) para a mesma comunidade de fala, em dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), que apresenta um percentual de 26% de uso da ditongação, um índice pouco expressivo, conforme a autora, se comparado às outras cidades do estado da Bahia investigadas por ela. Notamos, portanto, um aumento considerável no uso da ditongação no português de Seabra em menos de 10 anos. Além disso, destacamos do estudo de Silva (2014), que a faixa etária e o sexo do falante não se correlacionam mais à ditongação no português falado de Seabra, como veremos com os resultados apresentados nas tabelas 2 e 3, a seguir, obtidos com as análises multivariadas de regressão logística de efeitos fixos e mistos.

Vale dizermos que verificamos a significância estatística das diferenças de aplicação da regra entre os níveis de cada variável previsora controlada, por meio de testes de qui-quadrado (de Pearson), para os quais as variáveis *número de sílabas* e *status morfológico* não apresentaram diferença estatística entre os níveis, não sendo incluídas nas análises de regressão logística realizadas.

Tabela 2 – Estimativas dos parâmetros do modelo de regressão logística de efeitos fixos

	Apl./Oc.	Estimativa	Erro Padrão	Z	P
(Intercept)		2.32404	0.46693	4.977	6.45e-07***
Fx.Et.Um (Val. Ref.)	91/470 (19%)				
Fx.Et.Dois	379/470 (81%)	0.03914	0.33186	0.118	0.90611
Escol.Fund. (Val. Ref.)	179/470 (38%)				
Escol.Méd.	193/470 (41%)	-4.10655	0.43341	-9.475	<2e-16 ***
Escol.Univer.	98/470 (21%)	-1.85139	0.37770	-4.902	9.50e-07***
Sexo.Masc. (val. Ref.)	205/470 (44%)				
Sexo.Fem.	265/470 (56%)	0.15631	0.34660	0.451	0.65201
Vog.Base.Ant. (Val. Ref.)	121/470 (26%)				
Vog.Base.Cent.	275/470 (58%)	0.17613	0.31802	0.554	0.57969
Vog.Base.Post.	74/470 (16%)	0.51296	0.46044	1.114	0.26525
Cl.morf.não-verb (val. Ref.)	415/470 (88%)				
Cl.morf.verbo	55//470 (12%)	-1.24260	0.41617	-2.986	0.00283**

Signif. codes: 0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

M1: glm(Dit ~ Faixa.Etária + Escolaridade + Gênero + Vog.Base + Classe.morfológica, data = ds, family = binomial)

Fonte: Elaborada pelos autores

A Tabela 2 exibe o *summary* do modelo de regressão logística de efeitos fixos, cujas estimativas com valor-p significativo para os fatores *média* e *universitária* (variável escolaridade, com *fundamental* como valor de referência) e verbo (variável classe morfológica, com *não-verbo* como valor de referência), nos sugerem que os fatores significativos, relacionados à escolaridade e à classe morfológica, desfavorecem a ditongação. Contudo, nem todas essas correlações

se mantêm no modelo de efeitos mistos, a exemplo da classe morfológica, como observamos na Tabela 3.

Tabela 3 – Estimativas dos parâmetros do modelo de regressão logística de efeitos mistos

	Apl./Oc.	Estimativa	Erro Padrão	Z	P
(Intercept)		2.84132	1.06805	2.660	0.00781 **
Fx.Et.Um (Val. Ref.)	91/470 (19%)				
Fx.Et.Dois	379/470 (81%)	-0.05434	0.75467	-0.072	0.94259
Escol.Fund. (Val. Ref.)	179/470 (38%)				
Escol.Méd.	193/470 (41%)	-3.80453	0.94382	-4.031	5.55e-05***
Escol.Univer.	98/470 (21%)	-2.26956	0.94549	-2.400	0.01638 *
Sexo.Masc. (val. Ref.)	205/470 (44%)				
Sexo.Fem.	265/470 (56%)	-0.29761	0.70905	-0.420	0.67468
Vog.Base.Ant. (Val. Ref.)	121/470 (26%)				
Vog.Base.Cent.	275/470 (58%)	0.09704	0.56520	0.172	0.86368
Vog.Base.Post.	74/470 (16%)	0.70072	0.73979	0.947	0.34354
Cl.morf.não-verb (val. Ref.)	415/470 (88%)				
Cl.morf.verbo	55//470 (12%)	-1.26202	0.70226	-1.797	0.07232 .

Signif. codes: 0 '***' 0.001 '**' 0.01 '*' 0.05 '.' 0.1 ' ' 1

M2: glm(Dit ~ Faixa.Etária + Escolaridade + Sexo + Vog.Base + Classe.morfológica + (1 | Item) + (1 | Participante), data = ds, family = binomial)

Fonte: Elaborada pelos autores

Os resultados do modelo de efeitos mistos, caracterizado pela inclusão de variáveis aleatórias⁵ como o *item léxico* e *informante*, mostram, como vemos na tabela 3, que a correlação entre a escolaridade média, a escolaridade universitária e a ditongação se mantém, com exceção da classe morfológica verbo, como podemos notar no contraste entre o modelo 1 (Tabela 2) e o modelo 2 (Tabela 3). A variável classe morfológica, possivelmente, sofre efeitos das variáveis aleatórias

5 Uma variável aleatória é concebida como uma variável quantitativa, cujo resultado depende fatores aleatórios. Um exemplo clássico de variável aleatória é o resultado obtido com o lançamento de um dado que pode apresentar qualquer número entre 1 e 6. Vale dizer que, embora possamos conhecer os seus possíveis resultados, o resultado per se depende de fatores de sorte.

inclusas no modelo, não mantendo a correlação com a ditongação, exibindo estimativa com valor-p não significativo que mostra o fator desfavorecendo o processo.

As análises de regressão logística realizadas não confirmaram parte das hipóteses que havíamos proposto. Diversamente daquilo que esperávamos, os resultados mostraram que não existe correlação da ditongação em sílabas travadas por [S] com a variável *sexo*, *faixa etária* e, tampouco, *vogal de base*, controladas na amostra representativa e contemporânea do falar seabrense, fato que contribuiu para que as hipóteses levantadas para essas variáveis não fossem confirmadas.

Dos resultados atingidos, destacamos os da escolaridade, a única variável comum aos modelos propostos, visto que quanto mais o falante avança em termos de escolarização mais ele tende a fazer uso da variante padrão. É por meio da escola, fomentadora dos processos de ensino e aprendizagem, através da promoção de informações e conhecimentos, que é delimitado o percurso dos usos linguísticos dos alunos rumo a uma perspectiva normativista, seguindo a prescrição, ou melhor, orientação das gramáticas tradicionais ou normativas, que por si mesmas não compreendem outras variedades da língua postas em uso por seus utentes. À face disso, indivíduos com nenhuma ou pouca escolaridade, estão mais sujeitos a usos “estigmatizados” da língua, cujo papel da escola tem sido de grande relevância, no sentido de se responsabilizar pela socialização do uso prestigiado que uma língua nacional requer, fato que a permite, não sozinha, promover mudanças como afirma Votre (2003).

Em suma, a escola, ao primar pelo ensino da norma padrão e pelo uso das variantes de prestígio, coaduna com a teoria sociolinguística, ao apontar que pessoas mais escolarizadas tendem a fazer mais uso de formas consideradas padrão, de modo a apresentar uma correlação em que quanto maior é a escolaridade, maior é o uso de formas conservadoras, e quanto menor a

escolaridade, menor o uso delas. Destarte, essa variável não só se mostra importante ao nos permitir verificar o papel da escola na transformação do comportamento linguístico de uma determinada comunidade de fala, mas também ao nos consentir observar o nível de consciência linguística dos sujeitos humanos e a frequência de estilos variantes da língua ou código linguístico partilhado socialmente, um “[...] conjunto de possibilidades verbais, muitas das quais (ainda) inexploradas pelos falantes” (HERNANDES, 2001, s.p).

5 CONCLUSÃO

O estudo da ditongação em sílabas tônicas finais travadas por /S/ na fala dos seabrenses, baseado em uma amostra de dados do projeto CEMEDADOS, nos exibiu informações importantes sobre o fenômeno, quais sejam:

- i. A ditongação apresenta na comunidade de fala investigada um índice representativo de 55 pontos percentuais, confirmando a hipótese de que a variante inovadora não se configuraria mais como incipiente.
- ii. Em termos de efeitos fixos, a ditongação se correlaciona com a escolaridade, bem como com a classe morfológica verbo, cujas estimativas com valor-p significativo apontam para o desfavorecimento da regra; e
- iii. Quanto aos efeitos mistos, o processo se correlaciona apenas com a escolaridade, não mantendo a correlação com a classe morfológica, sugerindo que as variáveis aleatórias, *item lexical* e *informante*, têm efeitos sobre si.

Para além dos resultados alcançados com este estudo, vale dizermos que é imprescindível verificar o comportamento variável da formação de ditongo em

sílabas tônicas travadas pelo arquifonema /S/ em uma amostra de dados mais robusta, com a inclusão de outras variáveis previsoras linguísticas, bem como observarmos sua relação com aspectos acústicos, atitudes linguísticas, fatores suprasegmentais que possam dar luz a novos direcionamentos para o estudo do processo em cena, o que nos permitirá avaliá-lo de maneira pormenorizada.

REFERÊNCIAS

AQUINO, Maria de Fátima. Uso variável do ditongo em contexto sibilante. In: HORA, Dermeval da (Org). **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. Pernambuco: CNPq/ILAPEQ/VALP, 2004, p. 45-54.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de. Monotongação em capitais do nordestebrasileiro: dados do alib. In: CARDOSO, Suzana Alice Marcelino; MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Marcela Moura Torres (Orgs). **Documentos 3 – Projeto Atlas Linguístico do Brasil: Vozes do X workalib – amostras do português brasileiro**. Salvador: Vento Leste, 2012.

BATTISTI, Elisa; GUTTERRES, Rodrigo Lerner. Ditongação variável em sílabas travadas por /s/ no português de Porto Alegre: análise em tempo real e evidência de estabilização da regra. In: BRESANCINI, Cláudia Regina (Org.). **Projeto VARSUL: variação linguística no Sul do Brasil**. Porto Alegre: Editora Zouk, 2021.

BATTISTI, Elisa. Realizações variáveis de vogais tônicas em Porto Alegre (RS): ditongação ou ingliding? **Fragmentum**, n. 39, p. 58-76, 2013.

BISOL, Leda. Ditongos derivados. **D.E.L.T.A**; v. 10, número especial, p. 123-140, 1994.

BISOL, Leda. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **D.E.L.T.A**; v. 5, n. 2, p. 186-224, 1989.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. **História da linguística**. Petrópolis: Vozes, 1979.

CÂMARA JR., J. M. **Para o Estudo da Fonêmica Portuguesa**. Rio de Janeiro: Simões, 1953

CATANI, Gabriel. **O jornal nacional do século XXI: mudança, estilo e norma**. 2021. 79f. Monografia de Conclusão de Curso (Bacharelado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2021.

CLEMENTS, George N; Samuel KEYSER. **CV Phonology: A Generative Theory of the Syllable**. Cambridge: MIT Press, 1983.

GOLDSMITH, Jonh A. **Autosegmental phonology**. Indiana: Indiana University, 1976.

HAUPT, Carine. **Sibilantes coronais - o processo de palatalização e a ditongação em sílabas travadas na fala de florianopolitanos nativos: uma análise baseada na fonologia da geometria de traços**. 111f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2006.

HERNANDES, Paulo. **Dica n. 68 – sexta, 09.11.2001: sistema, norma e fala**. Disponível em: <https://www.paulohernandes.pro.br/>. Acesso em: 04 nov. 2022.

HULST, Harry Van Der. **Syllable structure and stress in Dutch**. Dordrecht: ForisPublications, 1984.

BRASIL. IBGE. **Censo demográfico, 2021**. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/>. Acesso em: 20 nov. 2022.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Carolina Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008 [1972].

LEIRIA, Lúcia L. A ditongação variável em sílabas tônicas finais travadas por /S/. **Organon**, v. 14, n. 28-29, 2000.

MELLO, V. H. D. de. **Formação de ditongo em sílaba travada por /s/ na linguagem coloquial gaúcha**. Dissertação de mestrado em Letras. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

MOUNIN, G. **Dictionnaire de lalinguistique**. Paris: PUF, 1974.

R CORE TEAM. **R**: A language and environment for statistical computing. R Foundation for Statistical Computing, Vienna, Austria. URL <https://www.R-project.org/>. 2020.

ROLO, M. C. T. A. **Apócope das vogais átonas [i] e [u] em duas localidades do Centro Sul Baiano**: Beco e Seabra. 2010. Dissertação (Mestrado em Língua e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

SELKIRK, Elisabeth. The syllable. In: HULST, H. Van der; SMITH, Norval (Eds.). The structure of phonological representations (part II). Dordrecht: Foris Publications, p. 337-383, 1982.

SILVA, Amanda dos Reis. **A ditongação em sílabas fechadas por /S/ nas trilhas das capitais brasileiras**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2014. 282f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Salvador, 2014.

TASCA, Maria. A inserção de glide em sílaba travada por /S/. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 137-162, 2005.

VOTRE, Sebastião Josué. Relevância da variável escolaridade. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Org.). **Introdução à sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

XAVIER, M. F.; MATEUS, M. H. M. **Dicionário de termos linguísticos** - V.1. Lisboa: Cosmos, 1992.